



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16271 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 19 - Educação e Arte

**NARRATIVAS DE TRANSMISSÃO E CUIDADO: MULHERES, BRUXAS E SABERES COMUNITÁRIOS.**

Aline Britto Miranda - PPGEDU/UFRGS

Rosa Maria Bueno Fischer - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

### **NARRATIVAS DE TRANSMISSÃO E CUIDADO: MULHERES, BRUXAS E SABERES COMUNITÁRIOS**

Resumo: Com base na ética da cartografia, da colagem e da escrita como ensaio, propomos o estudo crítico de escritas de mulheres cis e trans, brancas, indígenas e negras, com vistas a pensar o protagonismo de mulheres, no cinema e na literatura. A ideia é problematizar uma herança violenta de mulheres (reais e fictícias) até hoje tratadas como bruxas, perigosas, indesejáveis. Busco contar histórias de mulheres transformadoras, a partir do presente, relacionadas com a educação, em interface com as artes. Trabalha-se com os conceitos: Comum, Conflito e Transmissão, de Silvia Federici, bell hooks e Jeanne Marie Gagnebin, respectivamente. De que maneira possíveis saberes comunitários e conflitos entre os arquétipos da bruxa estão presentes em personagens da literatura e do cinema atualmente? Quais as linhas de fuga? Que repercussões pensar para a formação de professoras?

Palavras chave: Mulheres, Bruxas, Transmissão, Cuidado, Colagem

INTRODUÇÃO

Cenas em Escola de Educação Infantil – como a de crianças me chamando de bruxa e decidindo que eu deveria ir para a fogueira, por dar-lhes um limite – levaram-me a fabular a pesquisa: sobre mulheres, em narrativas do cinema e da literatura, entendendo tais obras como construções comunitárias em interlocução com a constituição das subjetividades, o cuidado e a força da imaginação, nas relações pedagógicas e de transmissão.

Silvia Federici (2017) refere que é sob a atmosfera de conflitos políticos, econômicos, religiosos e climáticos que a bruxaria é atribuída às mulheres ao longo de séculos; como se a bruxaria explicasse a complexidade de problemas enfrentados pela humanidade. Já Chimamanda Adichie (2019) questiona comportamentos caricatos das histórias infantis disseminadas internacionalmente. Em países como Tanzânia e Gana, mulheres negras são ainda acusadas por bruxaria, julgadas e exiladas. Poderíamos trazer outros exemplos, em nosso País, que reforçam o imaginário supremacista branco a partir das imagens dos contos de fadas europeus.

Assim, faço a conexão do arquétipo da bruxa com o que nomeio de Mulheres Transformadoras, entendendo que essa discussão tem uma relação muito próxima com a educação contemporânea. Afinal, o que se aprende em nossas escolas sobre modos de ser mulher, de meninas e jovens? Quando elas são consideradas um perigo? O que elas guardam como potência transformadora?

Proponho estudar narrativas da literatura e do cinema, com personagens femininas consideradas ameaçadoras, com foco nos gestos transformadores dessas mulheres. A construção teórica da pesquisa é feita em diálogo com Benjamin (experiência), Jeanne Marie Gagnebin (narrativa e memória), Silvia Federici (capitalismo e história da mulher), bell hooks (comunidade, feminismo e pedagogia).

**OBJETIVOS:** a) problematizar histórias sobre mulheres ditas bruxas, na perspectiva heteronormativa, branca e europeia, e valorizar narrativas contra-hegemônicas; b) relacionar narrativas de mulheres brancas, indígenas e negras com arquétipos da bruxa, numa trama transdisciplinar de saberes, em que as colagens emergem também como protagonistas.

## METODOLOGIA

A pesquisa opera na lógica cartográfica (Kastrup, 2019), em que acompanhamos a experimentação do pensamento, das sensações e afetos, articulando memórias a um olhar

cuidadoso para cenas e personagens de filmes e romances. Relaciono narrativas da literatura e do cinema a manifestações culturais no Brasil e no exterior. O diário de campo (com materiais em imagem, som, vídeo, texto) significa a interação subjetiva e o exercício da própria memória, com registros da vida nas ruas, nos museus, bem como nas obras do cinema e da literatura. A tese é tecida sob a forma de colagens (da autora) e de ensaios, inspirados em Benjamin.

Os conceitos teóricos fazem parte da metodologia, do modo de olhar para as personagens, as cenas e as experiências, num diálogo permanente entre os materiais. O método usado consiste em olhar para os olhares dos outros que também nos observam, porque é possível identificar (nos romances, nos filmes, nas nossas próprias memórias) muito do que somos, do que negamos ou acreditamos, do que aprendemos a desejar ou rejeitar.

RESULTADOS PARCIAIS: Primeiro Ensaio – Eu, Kambili, e a transmissão da culpa: um ensaio sobre transformação, no romance *Hibisco Roxo*, de Chimamanda Adichie (2011)



(Colagem da Autora)

Como foi possível a institucionalização da transmissão? A confissão tem sido uma tentativa de dominação da transmissão, tanto no romance quanto em minha própria trajetória. Da transmissão intergeracional comunitária para a transmissão em instituições como as igrejas, busco tensões entre paganismo e colonização religiosa, na jornada da personagem nigeriana Kambili.

A captura das subjetividades e a institucionalização da transmissão têm sido associadas ao sentimento de culpa, operando como uma colonização da mente e do pensamento no séc. XX. A jovem Kambili vive em estado de autovigilância, devido às regras impostas pelo pai, Eugene. Seus interesses, escolhas, relação com o corpo, afetos e sexualidade são permeados pela noção do pecado e da disciplina.

Recordo-me da infância, quando minha avó materna costumava me levar à missa. Lembro-me com carinho do prazer em cantar as músicas e do momento de depositar a moeda na cesta das oferendas, onde brincava de ter meus desejos realizados, acreditando na magia que aquilo podia conter. Eu não tinha consciência de viver uma vida de vigilância; minha autovigilância era bem distinta da experiência de Kambili.

A ideia de que já nascemos em pecado faz com que tenhamos a necessidade da remissão das faltas, por meio dos sacramentos (batismo, confissão, extrema-unção). Obter perdão é algo tão mágico quanto a cesta dos desejos da minha infância. A reabilitação social, para crimes cometidos, se traduz em preces como penitência. Isso não nos ensina sobre justiça, mas sim sobre impunidade. Este foi o primeiro privilégio branco que aprendi: a capacidade de confessar os pecados e seguir impune socialmente.

O padre Benedict mudara as coisas na paróquia, insistindo, por exemplo, que os credos e o kyrie fossem recitados apenas em latim; igbo não era aceitável. Além disso, devia-se bater palmas o mínimo possível, para que a solenidade da missa não ficasse comprometida. Mas ele permitia que cantássemos músicas do ofertório em igbo; chamava-as de músicas nativas, e quando dizia nativas a linha reta de seus lábios pendia nos cantos na forma de U invertido (Adichie, 2011, p.10).

Gagnebin (1999) destaca a importância da transmissão na formação da identidade pessoal e coletiva. Memória, traumas, eventos históricos e narrativas são transmitidos ao longo do tempo, possibilitando a construção das identidades individuais e grupais. A transmissão não é apenas um processo de repetição mecânica, mas um ato de ressignificação constante do passado no presente.

No romance refletimos não apenas sobre a culpa individual de Kambili, mas sobre a sociedade brasileira, que carrega resquícios do colonialismo e de uma cultura do embranquecimento, forjada num “sistema meritocrático em que um segmento branco da população vai acumulando mais recursos econômicos, políticos, sociais, de poder que vai colocar seus herdeiros em lugar de privilégio” (Bento, 2022, p.35).

Com bell hooks (2011) pergunto: onde está nossa rebeldia e o desejo de transgressão? O que fazer com a transmissão da culpa? Como consolidar relações comunitárias?

Dentro da família extensa de Kambili está Tia Ifeoma. Se Eugene, com seu controle e violência, promove o sentimento de culpa, já Ifeoma oferece a sensação de liberdade e autonomia compartilhada e passa a construir com a menina outros modos de lidar com situações difíceis. Com bell hooks (2023), pensamos sobretudo na urgência de uma educação não violenta.

O riso sempre ressoava pela casa de tia Ifeoma e não importava de que cômodo vinha, se espalhava por todos os outros. As discussões nasciam rapidamente e rapidamente também morriam. As orações da manhã e da noite eram sempre pontuadas por canções animadas em igbo que, em geral, exigiam que batêssemos palmas para marcar o ritmo (Adichie, 2011, p.151)

## PARA CONCLUIR

A pesquisa caminha entremeando discussões teóricas, sobretudo da filosofia, do cinema, da literatura e da história das mulheres; e não deixa de trazer produções artísticas da autora e, especialmente, suas memórias, das mais antigas às mais recentes.

Em minha família, Tia Suzana é como tia Ifeoma para Kambili. Com ela, aprendi que o mundo poderia ser um lugar lindo. Foi ela quem me mostrou o fora, as músicas, as exposições de arte, as feiras, as fitas VHS e os sorvetes do Mac Donald's. Eu amava os sábados, em que íamos ao supermercado e à locadora. Passeávamos de carro, e tia Suzi foi a primeira mulher que vi dirigir. Ela fazia daquele carro de passeio um lugar comunitário, para mim, meus primos e irmãos.

Nos ensaios da pesquisa, defendemos a importância de pessoas que nos ensinam a transformar a culpa em autonomia – essas figuras revolucionárias, mulheres independentes, destemidas, com valores distintos do patriarcado e que nos incentivam à liberdade de pensamento. Com elas podemos expressar opiniões, sentimentos e compartilhar experiências. Essas mulheres transformadoras não se separam das aventuras teóricas de pensadoras como Gagnebin, Federici, Chimamanda e bell hooks.

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, C.. **Hibisco roxo**. S. Paulo: Cia das Letras, 2011.

ADICHIE, C.. **O perigo de uma história única**. S. Paulo: Cia. das Letras, 2019.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. S. Paulo: Cia das Letras, 2022.

FEDERICI, S. **Calibã e a Bruxa: Mulheres, corpo e acumulação primitiva**. S. Paulo: Elefante, 2017.

GAGNEBIN, J-M. **Lembrar escrever esquecer**. S. Paulo: Ed 34, 2009.

HOOKS, b.. **Ensinando a transgredir: educação como prática de liberdade**. S. Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

KASTRUP, V. A atenção cartográfica e o gosto pelos problemas. **Rev. Polis Psique**. 2019, vol.9, p.99-106.